



**CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE ITAITUBA-LTDA
FACULDADE DE ITAITUBA-FAI
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS**

**UM OLHAR PARA O PRECONCEITO LINGUÍSTICO COM
ENFOQUE NO PERSONAGEM CHICO BENTO DE MAURÍCIO DE
SOUSA.**

ADLA VANESSA PINHO OLIVEIRA

ITAITUBA-PA

2014

ADLA VANESSA PINHO OLIVEIRA

**UM OLHAR PARA O PRECONCEITO LINGUÍSTICO COM
ENFOQUE NO PERSONAGEM CHICO BENTO DE MAURÍCIO DE
SOUSA**

Monografia de Graduação apresentada
para obtenção do título de Licenciatura Plena
em Letras da Faculdade de Itaituba.
Orientadora: Railane Esmeralda Figueira, Esp.

ITAITUBA-PARÁ

2014

PINHO OLIVEIRA, Adla Vanessa.

**UM OLHAR PARA O PRECONCEITO LINGÜÍSTICO COM ENFOQUE NO PERSONAGEM
CHICO BENTO DE MAURÍCIO DE SOUSA.**Adla Vanessa Pinheiro Oliveira -Itaituba: CLPL da
FAI, 2014: CLPL da FAI, 2014.

...(colocar paginas)

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) – Faculdade de Itaituba-FAI, Curso de
Licenciatura Plena em Letras, Itaituba, BR-PA, 2014.

Orientadora: ProfªRailane Esmeralda Figueira, Esp.

1. Contribuições Psicolinguísticas para O Ensino de Língua Portuguesa Itaituba -Pará.



**CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE ITAITUBA-LTDA
FACULDADE DE ITAITUBA-FAI**

Av. Dr. Governador Fernando Guilhon, 4ª. Rua-Cidade Alta, Bairro Jardim
das Araras 68180-110- Itaituba-Pará.

Telefone (93)3518-4320/ Fax: (93)3518-4319.

Site: WWW.unifait.edu.br/ E-mail: fai@unifait.edu.br

Acadêmica: ADLA VANESSA PINHO OLIVEIRA

**TÍTULO: UM OLHAR PARA O PRECONCEITO LINGUÍSTICO
COM ENFOQUE NO PERSONAGEM CHICO BENTO DE
MAURÍCIO DE SOUSA**

Monografia de Graduação apresentada para
obtenção do título de Licenciatura Plena em
Letras da Faculdade de Itaituba.

Orientadora: Profª Railane Esmeralda
Figueira, Esp.

BANCA EXAMINADORA

Presidente: _____ Nota: _____

Prof.ª Mara Aparecida Pereira do Nascimento, Esp.

Orientadora: _____ Nota: _____

Prof.ª Railane Esmeralda Cruz Figueira, Esp.

Avaliador: _____ Nota: _____

Prof.ª Regina Maria Cruz Figueira, Esp.

Resultado: _____ Média: _____

Data: 21 de Março de 2014.

Dedico este trabalho ao nosso Deus que é nossa sustentação. À minha digníssima mãe Aurineide Teixeira Pinho, mulher guerreira a quem amo muito, por todo seu amor e cuidado comigo.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço esta vitória a Deus, e a senhora Aurineide Teixeira Pinho minha mãe, que sempre colaborou significativamente para meu sucesso e ajudou a alcançar meus objetivos, mesmo passando por momentos difíceis, mesmo assim jamais desanimou por motivo algum, sempre foi uma mulher que agiu com dignidade e honestidade em tudo que fez e faz até hoje na sua vida. Ensinou-me ter bons modos, e a importância que os estudos têm na vida de um ser humano.

Aprendi a dar valor às mínimas coisas, pois são poucos que tem essa oportunidade de chegar a uma faculdade, porque no decorrer desses quatro anos, muitas coisas acontecem principalmente na questão financeira, em que muitos não conseguem quitar sua faculdade, e nisto não tive que me preocupar, pois a minha querida mãe, sempre fez questão de assumir essa responsabilidade me poupando de tal, enfim não tenho palavras suficientes que expressão o quanto sou grata a minha mãe, por tantos esforços da parte dela, e se hoje estou vencendo uma de muitas conquistas que estão por vir, agradeço exclusivamente a minha amada mãe.

PINHO OLIVEIRA, Adla Vanessa. **UM OLHAR PARA O PRECONCEITO LINGUÍSTICO COM ENFOQUE NO PERSONAGEM CHICO BENTO DE MAURÍCIO DE SOUSA**. Monografia de Licenciatura Plena em Letras da Faculdade de Itaituba-FAI, Itaituba-Pará. 2014.

RESUMO

O presente Trabalho de Conclusão de Curso tem como proposta basilar apontar para alguns mitos que caracterizam o preconceito linguístico, constatar que o mesmo está presente ou ocorre no ambiente escolar e, sobretudo, inserir-se como um instrumento que vá de encontro com esse preconceito tão maléfico e ao mesmo tempo tão ignorado. A elaboração deste, foi através de pesquisas bibliográficas. Desse modo, este trabalho é importante, pois tem o propósito de analisar a fala do personagem Chico Bento de Maurício de Sousa, sendo uma linguagem fácil e que pode ser utilizada em estudos que proporcionem o conhecimento sobre a multiplicidade linguística de nossa língua, favorecendo a quebra do preconceito linguístico. O professor deve, antes de tudo, saber que, independente das dificuldades que vá enfrentar no magistério, o aluno precisa de sua dedicação para ser guiado ao mundo do saber. Embora estejamos vivenciando o mundo da informação via internet, o papel do professor como colaborador para essa aquisição é fundamental para o aluno. No entanto, é consenso entre os sociolinguistas que a escola é o principal multiplicador do preconceito linguístico uma vez que as variedades linguísticas (que naturalmente ocorrem na linguagem) são ignoradas e até combatidas em favor de uma norma padrão culta e elitizada tida como única forma de representar a língua.

Palavras-chave: Preconceito linguístico, Variedades da Língua, Histórias em Quadrinhos, Chico Bento

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 01: Falantes não padrão.....	30
FIGURA 02: Variedade não padrão.....	31
FIGURA 03: Marcas de plural.....	32
FIGURA 04: Redução de ditongo.....	33
FIGURA 05: Eliminação do “R”	33
FIGURA 06: Exemplo de variação linguística.....	34
FIGURA 07: Discordância com a norma padrão.....	34
FIGURA 08: Exemplo de Preconceito linguístico.....	35
FIGURA 09: Exemplos de constrangimentos linguísticos.....	37

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	09
1 VARIAÇÃO LINGUÍSTICA COMO PROCESSO DE CONSTITUIÇÃO DA LINGUAGEM.....	11
1.1 A HETEROGENEIDADE LINGUISTICA.....	11
1.2 VARIAÇÃO DIACRÔNICA.....	12
1.3 VARIAÇÃO DIATÓPICA.....	13
1.4 VARIAÇÃO DIASTRÁTICA.....	15
1.5 VARIAÇÃO DIAMÉSICA.....	16
1.6 VARIAÇÃO E CONTEXTO EXTRALINGUISTICO.....	17
2 BASES TEÓRICAS DOS PRECONCEITOS LINGUÍSTICO.....	20
2.1 A SOCIEDADE E O MITO DA LÍNGUA CORRETA.....	20
2.2 A NORMA PADRÃO NÃO É UMA VARIEDADE LINGUÍSTICA. 22	22
2.3 UM MODELO SOCIOLÓGICO DA VARIAÇÃO DO PORTUGUÊS BRASILEIRO.....	24
2.4 QUEM USA AS VARIEDADES URBANAS DE PRESTÍGIO?.....	25
3 O PERSONAGEM CHICO BENTO SOB A ÓTICA DO PRECONCEITO LINGUÍSTICO.....	29
3.1 ENFOQUE TEÓRICO DAS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS.....	29
3.2 PERSONAGEM ANALISADA: CHICO BENTO.....	29
3.3 ANÁLISE DO PRECONCEITO LINGUÍSTICO NAS HQ DE CHICO BENTO.....	30
CONCLUSÃO.....	38
REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA.....	40

INTRODUÇÃO

É consenso entre os linguistas o momento em que se estabelece uma norma-padrão, ela ganha tanta importância e tanto prestígio social que todas as demais variedades são consideradas “impróprias”, “inadequadas”, “feias”, “erradas”, “deficientes”, “pobres”... A Norma Padrão, norma oficial, usada na literatura, nos meios de comunicação, nas leis e decretos do governo, ensinado na escola e explicado na gramática, caracteriza a língua utilizada por pessoas de nível socioeconômico mais elevado.

Porém, além dessa norma padronizada, consagrada e tão prestigiada que é o português padrão; existe outra língua que não é aprendida na escola, mas sim adquirida através da tradição oral, uma língua espontânea e natural, utilizada pela maioria de pobres e analfabetos que compõem o nosso país, o português não padrão.

Desse modo, diferentemente do português padrão, o português não padrão caracteriza as pessoas marginalizadas, de nível econômico baixo, pessoas que falam “errado”, pois falam uma língua diferente da tão prestigiada norma padrão, criando assim vários mitos que a cada dia se consagram em nossa cultura, e principalmente, que constituem o preconceito linguístico.

Através desse Trabalho de Conclusão de Curso, elaborado por meio de Pesquisas Bibliográficas, pretende-se desenvolver um estudo sobre as variantes linguísticas contidas nas falas do personagem Chico Bento, de Maurício de Sousa, como meio de incentivar a busca do conhecimento para a quebra do preconceito linguístico.

É difícil acreditar que mesmo com os avanços linguísticos, com as propostas de ensino mais reflexivo da Língua Portuguesa, muitos professores ainda utilizam a gramática normativa e o livro didático como norteadores de sua prática e simplesmente desconsidera a língua utilizada pelos alunos, o seu português não padrão.

Assim, este trabalho se faz importante por ser um instrumento contra o preconceito linguístico. Já que nesse caso, a palavra preconceito pode ser interpretada como ter um conceito prévio sobre um determinado assunto, e é

justamente o que ocorre com as pessoas que cultivam o preconceito linguístico, elas não sabem do que estão falando.

Através da análise das ocorrências do corpus selecionado, constituído por quadrinhos do personagem Chico Bento, de Maurício de Sousa, pretende-se estudar as variantes linguísticas do português não padrão e suas características que trazem uma lógica própria, com o intuito de que o leitor reconheça a multiplicidade de variedades em nossa língua.

É fundamental que a escola aprenda a trabalhar com a diversidade, principalmente com a linguística, para que o aluno pobre falante do português não padrão não sofra o preconceito linguístico, não sendo rotulado como “deficiente linguístico” e não se sinta inferior e desestimulado a aprender.

No primeiro capítulo, será feita uma abordagem sobre a variação linguística como processo da linguagem e as variações dos mais diversos tipos são evidenciadas e comentadas.

No segundo capítulo, serão evidenciadas as bases teóricas do preconceito linguístico e suas condições de surgimento e crescimento.

Por sua vez, no terceiro capítulo, se fará uma abordagem sobre as histórias em quadrinhos, com enfoque no personagem Chico Bento de Maurício de Sousa, serão analisados alguns de seus quadrinhos com olhar para o preconceito linguístico.

1. VARIAÇÃO LINGUÍSTICA COMO PROCESSO DE CONSTITUIÇÃO DA LINGUAGEM.

1.1 A HETEROGENEIDADE LINGUÍSTICA

Variedade é um conceito maior do que estilo de prosa ou estilo de linguagem. Nicola (1997) chama o termo *leto* para um processo de criação de palavras para termos específicos, são exemplos dessas variações:

Dialetos, isto é, variações faladas por comunidades geograficamente definidas; Idioma é um termo intermediário na distinção dialeto- linguagem e é usado para se referir ao sistema comunicativo estudado (que poderia ser chamado tanto de um dialeto ou uma linguagem) quando sua condição em relação a esta distinção é irrelevante (sendo, portanto, um sinônimo para linguagem num sentido mais geral); Socioletos, isto é, variações faladas por comunidades socialmente definidas; Idioletos, isto é, uma variação particular a certa pessoa; Etoletos, para um grupo étnico; Ecoletos, um idioleto adotado por uma casa. (NICOLA, 1997:78)

De acordo com o autor supracitado, as variações como dialetos, idioletos e socioletos podem ser distinguidas não apenas por seus vocabulários, mas também por diferenças na gramática, na fonologia e na versificação. Por exemplo, o sotaque de palavras tonais nas línguas escandinavas tem forma diferente em muitos dialetos. Outro exemplo é como palavras estrangeiras em diferentes socioletos variam em seu grau de adaptação à fonologia básica da linguagem.

Certos registros profissionais, como o chamado *legalês*, mostram uma variação na gramática da linguagem padrão. Por exemplo, jornalistas ou advogados ingleses frequentemente usam modos gramaticais, como o modo subjuntivo, que não são mais usados com frequência por outros falantes.

Para Bagno (2006), é uma questão de definição se gíria e calão podem ser considerados como incluídos no conceito de variação ou de estilo. Coloquialismos e expressões idiomáticas geralmente são limitados como variações do léxico, e de, portanto, estilo.

As diferentes modalidades de variação linguística não existem isoladamente, havendo um inter-relacionamento entre elas: uma variante

geográfica pode ser vista como uma variante social, considerando-se a migração entre regiões do país. Observa-se que o meio rural, por ser menos influenciado pelas mudanças da sociedade, preserva variantes antigas. O conhecimento do padrão de prestígio pode ser fator de mobilidade social para um indivíduo pertencente a uma classe menos favorecida.

De acordo com Ilari (2006) muito se fala que o português do Brasil é uma língua uniforme, com uma uniformidade afirmada e elogiada por varias pessoas de diferentes formações entre eles escritores, historiadores e linguista. Porém, segundo ele, esta uniformidade do português brasileiro é considerada, em grande parte, um mito, para o qual contribuiu significativamente para uma parte da forma de nacionalismo.

Ainda de acordo com Ilari (2006):

O português brasileiro não é uma língua uniforme, o referido autor tentar esclarecer que essas ideias além de ser falsa são pouco interessantes, pois nos torna incapazes de lidar com diferentes situações que diariamente utilizamos no uso da língua e seu ensino. (ILARI, 2006:65)

Devemos partir do principio que considera a variação linguística um fenômeno normal, devido se manifestar de varias formas, que através dos estudiosos podem falar em variação diacrônica, variação diatópica, variação diastrática e variação diamésica.

1.2 VARIAÇÕES DIACRÔNICAS

As línguas estão sujeitas á uma variação diacrônica, pois se dá através do tempo, além do mais podemos analisar as línguas em sua história externa, que se trata de como evoluem ao longo do tempo nas suas funções sociais ou em relação à determinada comunidade linguística, e através de uma história interna, que refere-se as mudanças que ocorrem na gramática como: fonologia, morfologia, sintaxe e em seu léxico, a variação diacrônica pode ser percebida através de comparações entre gerações. Como de acordo com o autor cita, por exemplo:

Todos nós conhecemos gírias que, embora compreensíveis, soam “antigas”, e também é comum o caso de gírias compreensíveis somente aos mais velhos ou mais novos. Assim, muitos paulistas de hoje simplesmente não

compreendem a expressão estar de bonde, que, no contexto do namoro à antiga, significava “estar com a namorada”; ao mesmo campo semântico do namoro de outros tempos pertencia também o substantivo footing, que indicava a prática dos adolescentes de passear a pé, em grupo, em local público, para ver adolescentes do outro sexo e ser visto por eles (elas). E, para ficar no capítulo do namoro, muitos pais que tinham filhos adolescentes na década de 1990 tiveram sérias dificuldades para entender o significado do verbo ficar, que representava um modo de relacionar-se com o sexo oposto estranho à sua experiência” (ILARI, 2006:89).

A gramaticalização também esta inserida na variação diacrônica, ocorre através de um processo pelo qual uma palavra tem sentido pleno e assume funções gramaticais. Podemos exemplificar o processo de gramaticalização em português através da formação do pronome você, essa palavra remonta a Vossa Mercê, via “Vosmecê”. Que na sua origem foi uma expressão de tratamento, como Vossa Majestade ou Vossa Excelência; que nos dias atuais usamos como um pronome pessoal, e com esta função superou o antigo pronome da segunda pessoa tu, numa grande área do território brasileiro.

E outro processo inverso ao da gramaticalização é a lexicalização que acontece, por exemplo, quando falamos que um trabalho há vários senões, ou então quando dizemos a alguém que deixe de, entretanto e passe aos finalmente. Quando se usa entretanto é geralmente uma conjunção e finalmente um advérbio; porém, neste caso as palavras são usadas com o significado de “considerações, ressalvas” e “conclusões, decisões”. As palavras são transformadas em substantivos e indicam as fases de um debate.

Segundo o referido autor é importante pensar na língua não como uma forma única, que foi estabelecida em caráter definitivo em algum momento do passado, quem sabe por decisão de uma assembleia de sábios, mas sim como uma realidade dinâmica, que está por natureza em constante mudança. Que não só a língua que falamos hoje é o resultado de muitas inovações ocorridas em épocas diferentes; na língua que falamos hoje convivem palavras e construções que remontam a épocas diferentes.

1.3 VARIAÇÕES DIATÓPICAS

De acordo com Possenti (2000), a variação diatópica vem (do grego *dia*= através de *topos* = lugar) existem as diferenças que uma mesma língua apresenta na dimensão do espaço, quando é falada em diferentes regiões de um mesmo país ou em diferentes países. O referido autor afirma:

Quando se fala da língua portuguesa como um todo, o estudo da variação diatópica leva, antes de tudo, a comparar as variedades de português faladas na Europa (Portugal, Madeira, Açores), na África (Angola, Moçambique, Guiné-Bissau etc.), na América Latina (Brasil) e na Ásia (Goa, Macau etc.); por se tratar de razões históricas e políticas, os estudos são realizados no intuito de comparar as línguas das antigas colônias, no caso Brasil com a língua de Portugal. (POSSENTI, 2000:78)

Surge então a questão relacionando se Portugal e as antigas colônias falam a mesma língua; por terem sentimentos nacionalistas acabam envolvidos no processo de descolonização, e fazem com que realcem as diferenças existentes (é o caso do Brasil e dos países africanos); ao se preocupar em distinguir dos demais países vizinhos leva a reconhecer as raízes portuguesas (como o caso de Timor-Leste).

Essa variação do português brasileiro, não afetaria os aspectos mais importantes do sistema fonológico e sintático da língua, por isso que não é admirável que o gaúcho seja compreendido pelo amazonense, ou o mato-grossense pelo nordestino. De acordo com Ilari (ibidem) seria um erro pensar que a variação regional não existisse, pois temos como provar a sua origem geográfica de cada pessoa, através da maneira como falam.

Há alguns casos de variação diatópica do português brasileiro que o autor menciona ao fato de que o Brasil ainda é um país de grandes migrações internas.

A variação diatópica do português brasileiro se dá pelo dinamismo que falta em outros países e por ser comum encontrar em outras regiões que receberam fortes contingentes de migração interna de diversas variedades linguística com procedências diferentes, o que acaba gerando certas diferenças de status e prestígio. (ILARI, 2006:78)

Segundo o autor, ao questionar se o português do Brasil e o português europeu são duas línguas diferentes, o mesmo afirma que são respostas que variam ao longo do tempo. Para o autor Ilari (idem), ao falar de variação diatópica do português brasileiro, a primeira coisa que temos que observar, se levarmos para o ponto de comparar a variação regional das línguas faladas na Europa (no caso o português europeu) teremos o Brasil que fala uma língua uniforme em todo seu território.

1.4 VARIAÇÕES DIASTRÁTICAS

De acordo com Possenti (2000), existem varias diferença entre o português falado pela parte mais escolarizada da população, que seria a parte mais rica ou menos pobre e pela parte menos escolarizada. A este fenômeno dar-se o nome de variação diastrática conforme os linguistas assim nomeiam que etimologicamente trata-se de um tipo de variação que se encontra quando se comparam diferentes estratos de uma população

Quando faz menção como “português subpadrão” ou “português substandard”, que é a variedade de português falada pela população menos escolarizada, na qual foi observada por vários estudiosos, entre eles destaca Calvet (1993) que caracterizou da seguinte forma:

Fonética

- Queda ou nasalização da vogal átona inicial: incelença por excelência;
- Queda de material fonético posterior à vogal tônica: figo por fígado, Ciço por Cícero, centimo por centímetro;
- Perda da distinção entre vogal e ditongo antes de palatal: pexe por peixe;
- Monotongação de ditongos crescentes em posição final: sustança por substância;

Morfologia

- Perda do –s da desinência da primeira pessoa plural: nós cantamo, nós cantemo por nós cantamos;
- Anteposição do advérbio de comparação a adjetivos que já são comparativos: mais mió em vez de melhor;

Sintaxe:

- Uso de uma única marca de plural nos nominais complexos e ausência de marca de concordância na 3ª pessoa do plural do verbo, particularmente com sujeito posposto (os doce mais bonito são / é para as visita. Quando chegou os bombeiros já não tinha mais nada pra fazer);

- Negação redundante com indefinidos negativos (ninguém não sabia);

- Aparecimento de um segundo advérbio de negação depois do verbo e eventual queda do advérbio de negação anteposto: não vem não ou vem não;

- A oração relativa adota as construções conhecidas como cortadora ou copiadora: a casa que eu morei ou a casa que eu morei nela (em vez da construção padrão a casa em que morei);

- Uso dos pronomes do caso reto na posição de objeto: eu vi ele, a mulher xingou eu.

Calvet (1993) relata que por enquanto, as variedades subpadrão de uma língua terão poucas alternativas de aparecer na escrita, se quisermos procurar exemplos escritos de português subpadrão, precisaríamos que encontrar ou em revistas produzidas pelos linguistas, no intuito de registrar sua originalidade, ou em trabalhos de autores que usaram com fins estéticos (no caso de caracterizar determinados tipos humanos).

1.5 VARIAÇÕES DIAMÉSICA.

Segundo Rodolfo Calvet (1993), ao longo das dimensões das quais a línguas podem variar, seja na variação do tempo, no espaço e até por níveis de escolaridade (ou econômicos), por sua vez não poderia ficar de lado uma dimensão que se refere aos vários veículos ou meios de expressão que a língua utiliza.

É então definida como variação diamésica que etimologicamente significar dizer uma variação associada ao uso de diferentes meios ou veículos. Na variação diamésica encontra-se as diferenças que há entre a língua falada e a língua escrita. Em muitas escolas até hoje, observa-se a importância que as pessoas dão à escrita e menos a forma que se fala, por isso, que acontecem alguns casos em que pensam que falam da mesma maneira que se escrevem.

Como afirma Calvet (idem), na fala, as pessoas dizem coisas como “né”, “ocês”, “disséro”, “téquinico”, pensando que dizem “não é”, “vocês”, “disseram”, “técnico”. A diferença existente entre o escrito e o falado vai além dos fenômenos que diz respeito à forma das palavras, há uma diferença irreduzível de planejamento.

1.5 VARIAÇÃO E CONTEXTO EXTRALINGUÍSTICO

Em um texto escrito teremos sua estrutura por partes, podendo então decidir de que forma essas partes serão distribuídas, podendo ou não está adequado o texto escrito, podemos corrigir ou até mesmo modificar as palavras, sendo que o resultado final vai depender das habilidades que a pessoa tem com a escrita.

Já no caso dos textos falados se diferenciam pelo fato por tirar situações da fala de várias maneiras (por exemplo, sem a necessidade de descrever objetos ou pessoas na presença do interlocutor); os textos falados são planejados ao passo que é produzido, por isso é fácil encontrar reformulações constantes e sempre parciais de um mesmo conteúdo: sendo que uma mesma informação que foi apresentada de forma incompleta ou errada, pode ter correções ou acréscimos que complementa a informação.

Para Possenti (2000) a língua falada, entende-se a língua verdadeiramente falada: que nem toda mensagem que nos chega pelo ouvido (e não pelos olhos) como o mesmo cita, é na verdade uma mensagem falada: o telejornal, os discursos das convenções políticas, as conversas telefônicas, como o telemarketing, são exemplos de língua lida, ou seja, língua que foi escrita para posteriormente ser falada e apresenta outra característica.

Para Ilari (2006), esclarecer a ideia da qual a característica do português do Brasil seria uma grande uniformidade. Levou a um levantamento minucioso de vários estudos, em que toda língua a partir de sua história ela esta sujeita à variação e à mudança. Assim definindo:

As quatro dimensões principais da variação (diacrônica, diatópica, diastrática e diamésica), que o português do Brasil, apresenta uma variação em cada uma delas. Acreditar na tese de uniformidade do português do Brasil não passa de uma ilusão é o mesmo que esquecer todas as variações que aqui

denominamos como diastrática, diacrônica e diamésica entre tantas outras variações existentes. (ILARI, 2006:67)

Como indivíduos são capazes de interagir com o meio em que vivemos, seja ele com pessoas de outras classes sociais, de outra idade, de outro sexo, como também é normal cada um produzir textos escritos ou falados de diversas formas, ou seja, nessas varias formas de interagir, a língua que usamos muda, dependendo do contexto a qual esta inserida.

Por isso podemos afirmar que existe sim variação, mesmo que para muitos isso seja um problema em aceitar que exista, e querer desta formar delimitar uma única forma de usar a nossa língua do português brasileiro, principalmente no uso da fala quanto da escrita que são usadas como formas de discriminar a língua dos outros, querer apontar erros na fala dos outros, sem ao menos ter o interesse de corrigi-los mais contribuir para esta forma de excluir do meio e reforçar uma desigualdade entre ambos.

Desse modo, a diversidade linguística não se restringe a determinações motivadas pela origem sociocultural e geográfica do falante. Um mesmo indivíduo pode optar por diferentes formas linguísticas de acordo com a variação das circunstâncias que cercam a interação verbal, incluindo o contexto social, propriamente dito, o assunto tratado, a identidade social do interlocutor etc. Um professor universitário, por exemplo, pode pôr-se às voltas com pelo menos três diferentes situações linguísticas: no restaurante universitário, conversando banalidades com seus alunos; na sala de aula, exercendo sua profissão; e no auditório, dando uma palestra.

É óbvio que, conforme aumenta o grau de formalidade dessas diferentes circunstâncias, maior é o uso de variantes-padrão. Assim, na situação de conferencista, não soaria adequado o emprego de "cê", por você, por exemplo, de tá, por está, perfeitamente plausíveis na conversa informal do restaurante universitário.

Justamente por ser a mais prestigiada, o objetivo verdadeiro da escola é ensinar a variedade-padrão, mas com nova roupagem: trata-se de criar condições para que as formas de prestígio sejam acrescentadas à variedade que o aluno já domina, o que o habilitaria a selecionar a alternativa mais adequada à situação comunicativa. Impor com exclusividade a variedade-padrão, misturar uma pitada de intolerância para com a variedade não padrão,

que as crianças de classes desfavorecidas dominam, são os ingredientes de uma receita infalível que pode provocar o desenvolvimento de um forte sentimento de insegurança linguística. (POSSENTI, 2001:83)

Para as crianças economicamente favorecidas, o mal é certamente menor, pois, desde a primeira infância, acham-se mais familiarizadas com a variedade-padrão; assim, o modelo escolar é uma extensão do processo de socialização iniciado pelos pais e pelo meio social em geral. Nesse aspecto, as camadas marginalizadas nadam contra a maré. A modalidade de cultura que a escola desenvolve afina-se mais com a das classes dominantes.

O problema é maior quando tal modalidade se impõe no ensino como referencial exclusivo a que outras formas de experiência cultural acabam por submeter-se. O papel que a norma desempenha nesse jogo é óbvio: o valor simbólico das variedades linguísticas disponíveis está em função da distância que as separa da variedade-padrão que a escola impõe.

A tradição da instituição escolar consiste em não apenas ignorar a legitimidade da variação linguística, mas também submeter às variedades linguísticas ao critério de correção, como uma peneira fina. O que passa é um conjunto de expressões vinculadas ao registro formal da modalidade escrita e o que sobra é estigmatizada como realizações incorretas e deficientes em confronto com a matriz de valores eleita como a variedade-padrão.

As formas alternativas de expressão podem conviver harmoniosamente na sala de aula; cabe ao professor o bom senso de discriminá-las adequadamente, fornecendo ao aluno as chaves para ele perceber as diferenças de valor social entre as variedades que lhe permita depois selecionar a mais adequada, conforme as exigências das circunstâncias da interação. O sistema escolar tem um papel político relevante a desempenhar, que é o de estender às camadas marginalizadas o acesso a todos os bens simbólicos, entre os quais se inclui indubitavelmente o acesso à variedade-padrão.

2. BASES TEÓRICAS DO PRECONCEITO LINGUÍSTICO

2.1 A SOCIEDADE E O MITO DA LÍNGUA CORRETA

Segundo Bagno (2005), para identificar a heterogeneidade da língua humana como essência da língua juntamente com os mitos, preconceitos,

representações e juízos de valor que reflete sobre ela é como um componente básico da educação linguística, visando formar indivíduos que sejam capazes de pensar sobre sua realidade social, cultural e política em que vivem.

É indispensável que uma escola democratizada se proponha a oferecer a seu alunado ter acesso a discursos bem fundados que desabilitem em nome do bem em geral, os discursos que vem desde muito tempo discriminando e expressam as relações entre língua e sociedade, principalmente em sociedades como a brasileira, considerada antigamente por autoritária, oligárquica e excludente.

Os preconceitos sociais surgidos da gramática tradicional na Antiguidade clássica, sempre utilizou como critério do erro, que aplicava em qualquer expressão linguística tanto na falada como na escrita, levando-se a distanciar mesmo que minimamente das normas de “bom uso” como modelo de “língua correta” que somente com escritos de renomeados escritores literários utilizavam no passado. (BAGNO, 2005:37)

Porém, devido a muitos e sérios problemas que é possível detectar no tratamento da variação linguística quando aparecem na maioria das coleções. Como vejamos adiante na análise das palavras de Possenti (2001)

A produção de textos com finalidade explicitamente didática conduz a uma confusão conceitual, a uma vivência empobrecida do fenômeno linguístico e a uma concepção equivocada de linguagem e de conhecimento. Curiosamente, ao mesmo tempo, mantém o preconceito linguístico, valorizando, em sua retórica, uma forma de linguagem ideal que não corresponde sequer à que se manifesta nos próprios textos escolares. (POSSENTI, 2001:45)

Enfim, segundo Possenti (2005), o PNLD (Programa Nacional dos Livros Didáticos) atuou como forma impactante, pois contribuiu sobre a produção de livros didáticos. Porém, outros aspectos relevantes no que ocorre nos LD (Livro Didáticos) com relação à variação linguística e à ideia de norma. Há muitos recursos para terminologia e aos conceitos da Sociolinguística para confundir as pessoas, porque continuam impondo várias normas ou modelos de maneira a iludir sobre uma “língua certa”, o que se distancia bastante da realidade linguística, envolve também a língua escrita com um monitoramento contemporâneo.

Para Marcos Bagno (2006), o problema está ligado extremamente ao conceito de “informalidade”, pois através deste conceito que age como um substituto de aparência “científica” ou “politicamente correta” que já vem com o rótulo de erro, pois nestes casos ocorrem os supostos “desvios da norma culta” que estão diretamente ligados a uma “linguagem informal” (também conhecida “coloquial” ou “popular”), tornando-se preconceituosa na medida que vemos que não se enquadram a realidade dos usos falados ou escritos que são (escritos em textos formais) por parte dos falantes urbanos altamente letrados. Bagno (idem) enfatiza:

O uso da “informalidade” vem com intuito de ensinar um modelo de língua em nomes variados e equivocados, pois o que se encontra no LD é de que se apegue a um padrão idealizado de língua que não só está bem distante do português brasileiro culto contemporâneo, mas também ao fato que esta bem rígida e inflexível do que a norma-padrão. (BAGNO, 2006:37)

Os LD institui como seu objeto de ensino, uma norma curta-termo proposto por Mussalim e Bentes (2003:40) que faz referência ao modelo irreal e irracional de “correção linguística” que seria como uma forma de evitar qualquer tentativa de validação, de variantes inovadoras, de alternativas à norma-padrão tradicional, mesmo que incorporados a gramática do português brasileiro.

Nicola (2003), ao falar sobre o fenômeno da variação linguística, indaga sobre a crítica que há em relação à ideologia linguística presente nesses LD, no que diz respeito à falta de consistência teórica, devido ao tratamento recebido por uma ideologia linguística conservadora, como o escritor mesmo diz como um muro de pedra para demarcar um terreno. E apresentam alguns sintomas como sete erros do título, que referem-se para a inconsistência são:

1. A falsa sinonímia “norma-padrão” = “norma culta”;
2. A desconsideração da variação estilística (graus de monitoramento da expressão falada e/ou escrita) presente em todo e qualquer uso da língua;
3. A classificação do padrão como uma “variedade”;
4. A redução do fenômeno de variação linguística às variedades rurais, “caipiras” ou de falantes pouco escolarizados;

5. Uma concepção homogênea de “escrita” tomada como ideal linguístico;
6. O emprego do termo regra para se referir exclusivamente às injunções da tradição normativa, como se as variedades “não padrão” não tivessem suas próprias regras gramaticais;
7. A proposta de exercícios de “passar para a norma culta”, tida como intrinsecamente “melhor” do que qualquer outra.

2.2 A NORMA-PADRÃO NÃO É UMA VARIEDADE LINGUÍSTICA

Bagno (2004) e vários autores a partir do congresso das reflexões a cerca da realidade linguística brasileira, deram mais importância não sóem diferenciar a norma-padrão (a “língua certa” dos gramáticos normativos) e da norma culta (usos linguísticos originados dos falantes urbanos mais letrados) como também de identificar que a norma-padrão não faz parte do espectro contínuo de variedades linguísticas reais, efetivamente faladas numa comunidade.

A partir de pesquisas sociolinguísticas, observou-se que só pode considerar um modo de falar como língua, variedade ou dialeto quando é possível reconhecer de forma empírica um grupo social que fale essa língua, variedade ou dialeto. Ninguém no Brasil efetivamente pode falar efetivamente a norma-padrão, que (não existem “falantes do padrão”), mesmo que nos livros didáticos afirmam que sim. (BAGNO, 2004:78)

Quando falamos de padrão não estamos nos referindo à estratificação social da língua, mas a uma perspectiva diferente sobre a variação linguística, relativa à codificação e à prescrição. O que acontece na realidade é que o código normativo costuma descansar na regulação de um socioleto de prestígio, mais precisamente do estilo “cardinal” (médio alto) desse socioleto – ou, melhor ainda, de uma versão idealizada dessa variedade.

Como afirma Nicola (1997), a norma-padrão conseqüentemente não é uma das muitas variedades linguísticas que existem na sociedade. Pois o mesmo afirma ainda que não existe uma variedade padrão, pois se (é padrão, ou seja, seria uniforme e invariante, como então pode ser considerada uma variedade?), e nem seria um dialeto padrão, nem uma língua padrão. Na

verdade existe é uma norma-padrão, língua materna de ninguém, uma norma no sentido mais jurídico do termo. De acordo com Possenti (2001):

A norma-padrão não faz parte da “estratificação social da língua”. É considerada como um construto sociocultural, que possivelmente se baseia em alguma variedade linguística comprovada de forma empírica na sociedade, porém é necessário por se tratar de um alvo de intenso investimento de decodificação que seria (fixação de regras gramaticais que nem sempre existe em nenhuma das variedades, que faz menção a alguma tradição bem antiga, como, no caso do português, à gramática latina), como representação gráfica que é o caso da (legislação sobre a ortografia oficial). (POSSENTI, 2001:39)

Possenti também fala sobre a produção lexical sendo (criação de amplo vocabulário técnico-científico, literário etc. para dar conta de uma “alta cultura”) sem falar de um intenso investimento político-ideológico (língua do poder, do Estado, da administração, da escola etc.), e, por conseguinte afirma que a norma-padrão não é “uma variedade” como outra qualquer. Como afirma Bagno (2006)

[...] não são vernáculos, e ninguém as fala exatamente; a ideologia do padrão decreta que o padrão é uma ideia na mente, é uma variedade perfeitamente estável, claramente delimitada e perfeitamente uniforme, uma variedade que nunca é perfeitamente nem consistentemente realizada no uso falado. (BAGNO, 2006:69).

Para o autor Bagno (2006), a norma-padrão, realmente está longe de ser uma “variedade”, um “dialeto” ou uma “língua” por isso o considera como um sistema fonomorfossintático que se realiza na fala dos indivíduos e a classifica como:

- É “uma ideia na mente”, uma ideologia linguística, uma instituição social e, nessa qualidade,
- Goza de um poder simbólico particular muito diferente do que se atribui às autênticas variedades linguísticas;
- Ocupa no imaginário coletivo um lugar de destaque, um posto superior no ideário linguístico;
- É objeto de um culto e de um cultivo que ninguém jamais dedica com a mesma intensidade aos outros modos (reais) de falar.

Por isso o autor supracitado afirma que na norma-padrão há o controle de todos e demais usos falados como escritos da língua. Aonde são apontadas todas as manifestações do uso real da língua para que seus “erros”, “vícios”, “defeitos”, “carências” e “excessos” para que sejam mostrados e amputados. Ultrapassando a variação, da estratificação social, ou seja, a norma-padrão deseja alcançar a uniformidade, a homogeneidade e, possivelmente, a imutabilidade.

Dessa maneira, é precisamente por isso que a norma-padrão não pode ser confundida com a norma culta, isto é, o conjunto de variedades urbanas de prestígio realmente empregadas pelas camadas privilegiadas da população. Para Bagno (2004), é uma lástima que essa confusão entre norma-padrão e norma culta continue a vigorar na literatura acadêmica e didática produzida no Brasil, deixando atrás de si um rastro de consequências negativas para o ensino e para o lúcido entendimento da realidade sociolinguística do país.

2.3 UM MODELO SOCIOLÓGICO DA VARIAÇÃO DO PORTUGUÊS BRASILEIRO

De acordo com Gnerre (2001) a norma-padrão é como um continuum dialetal e acredita ser necessário excluir esse continuum a norma-padrão, afirmando que não é língua de ninguém, que muitos autores já se propuseram que analisassem essa realidade do português brasileiro em que apresenta a complexa dinâmica sociolinguística.

Por isso Bagno (2005) quis propor um modelo, de modo que viesse evitar esse duplo poder de sentido (para não dizer preconceito) do adjetivo culto, emprego a seguinte terminologia:

- Norma-padrão – modelo ideal de língua “correta”, inspirado na tradição literária e no falar da aristocracia e assumindo (mais ou menos explicitamente) como objeto de trabalho pelos autores das gramáticas normativas: “Fundamentam-se as regras da gramática normativa nas obras dos grandes escritores, em cuja linguagem as classes ilustradas põem o seu ideal de perfeição, porque nela é que se espelha o que o uso idiomático estabilizou e consagrou” (Rocha Lima, 1989: 6);

- Variedades prestigiadas- conjunto de variedades linguísticas faladas (e também escritas) pelos cidadãos urbanos mais letrados e de maior poder aquisitivo; apresentam certa uniformidade, mas também, como não poderia deixar de serem num território tão amplo, características próprias conforme a região (o uso de tu, por exemplo, é prestigiado no Rio Grande do Sul, enquanto no Rio de Janeiro é considerado traço característico de falantes de estratos socioeconômicos e socioculturais desprestigiados; já nas variedades prestigiadas de São Paulo, o uso de tu é praticamente nulo); daí a preferência por um termo no plural, ao contrário de norma culta, no singular, utilizando pelos autores acima referidos;

- Variedades estigmatizadas- conjunto de variedades linguísticas empregadas predominantemente pelos falantes das camadas sociais de menor poder aquisitivo e de menor escolarização; incluem as variedades urbanas empregadas pelos milhões de habitantes das periferias das grandes cidades brasileiras e também as variedades rurais e urbanas; são as variedades empregadas, como se vê, pela imensa maioria da nossa população. O plural também quer deixar claro que, apesar de muitos traços comuns, existem diferenciações conforme a região, a classe social, a faixa etária, o grau de letramento etc.

Segundo Bagno (2005) para alguns autores a norma popular é descrita em oposição à norma culta, o que não satisfaz o autor, pois dá a entender ou que os “falantes cultos” não pertencem ao povo, ou que as classes “populares” não são “cultas”, ou seja, que não pertencem a uma cultura, o que torna um absurdo para o ponto de vista da antropologia e da sociologia.

Para Bagno (2006) a norma-padrão não faz parte da língua, por não fazer nenhum uso real da língua, sendo apenas como um modelo de forma abstrata, por apresentar poder simbólico de repressão e cobrança sobre o imaginário dos falantes em geral, por isso o autor afirma:

É preciso deixar claro, porém, que apesar de ser um produto cultural, de natureza diferente das variedades linguísticas efetivamente empregadas pelos falantes, a norma-padrão tem que ser incluída em qualquer estudo sobre as relações entre linguagem e sociedade. E, exatamente por isso, a norma-padrão tem lugar garantido na educação linguística. Só não pode ser como tem sido, um lugar exclusivo e excludente. (BAGNO, 2006:49)

Conforme Bagno (2006), o que existe de fato é que as variedades linguísticas são consideradas como híbridas, isto é, o que se pode detectar é frequência de maior ou menor de determinados tipos de traços fonomorfo sintáticos, lexicais e prosódicos anteriormente ditos com exclusividade a variedades regionais, sociais, profissionais, etc.

2.4 QUEM USA AS VARIEDADES URBANAS DE PRESTÍGIO?

De acordo com Bagno (2004), o Projeto NURC (Estudo da Norma Linguística Urbana Culta no Brasil) permitiu a “descoberta” acerca da norma culta brasileira real, pois se fez necessário, observar a questão do caráter histórico e sociocultural. Onde realizaram várias entrevistas a qual foi coletada ao que compõem o corpus do NURC, ao longo dos anos 1970. Na qual passaram mais de quarenta anos, sobre a realidade social, econômica, política e cultural do Brasil, desde então passando por grandes e profundas transformações.

Para chegar ao ponto “x” da questão o autor rebuscou informações no período do fim da ditadura militar, segundo fontes de pesquisa do autor, que imperou por duas décadas (1964-1984), a qual ocasionou rapidamente uma modernização da sociedade brasileira, é o caso dos meios de comunicação, às novas tecnologias de informação, à expansão da oferta educacional em todos os níveis, à emergência dos discursos e das ações em defesa dos direitos humanos, dos direitos das mulheres, contra o racismo e a homofobia e até mesmo da preservação do meio ambiente.

Como relata o Bagno (2004), em menos de vinte anos houve uma grande revolução, a qual o Brasil passou a ter projeção internacional, isso tudo graças ao enorme crescimento da economia, que levou o país a está hoje entre as potências emergentes mundiais. Porém, o autor supracitado alerta para o fato de que:

No que diz respeito aos costumes, houve uma liberalização generalizada, pois com o fim de velhos tabus comportamentais, ficou mais fácil a discussão aberta e bem explícita acerca de assuntos como (virgindade, diversidade sexual, sexo na adolescência, pedofilia, violência contra a mulher, exploração do trabalho infantil, críticas às religiões instituídas, doenças

sexualmente transmissíveis e sua prevenção, legalização da maconha etc.) assuntos esses que atualmente podem ser discutidos sem qualquer repúdio da sociedade, pois trata da realidade que presenciamos no dia a dia. (BAGNO, 2004:56)

No entanto, para Bagno (ibidem), a importância está para a questão sobre a língua no país, em que ocorreu à mais de dez anos a maior redução de pobreza da história do Brasil e a chamada nova classe média, como um fenômeno reconhecido pelos nossos meios de comunicação dos mais conservadores:

Bagno (2004) afirma que, de acordo com esse estudo nos últimos seis anos, cerca de 20 milhões de brasileiros deslocaram-se da base para o miolo da pirâmide social. Até há pouco tempo classificados como pobres ou muito pobres, eles melhoraram de vida e começaram a usufruir vários confortos típicos de classe média. Sua ascensão social revela uma excelente novidade: pela primeira vez na história, a classe média passa a ser maioria no Brasil. São hoje 52% da população (eram 44% em 2002) – ou 100 milhões de brasileiros.

Essa população emergente, com seu desejo de continuar a consumir e seu foco no progresso pessoal, é um sintoma de que o Brasil está melhorando. Em todos os países que alcançaram um alto grau de desenvolvimento econômico e social, a maioria dos habitantes pertence à classe média. Conhecer a nova classe média brasileira é, portanto, fundamental para entender o futuro do Brasil. Quem são essas pessoas? Como melhoraram de vida? Que impacto podem provocar? Quais desafios trazem para o país?

Bagno (2004) ao exemplificar este fenômeno, utiliza-se da seguinte construção: “PARA + MIM + INFINITIVO”: Preciso desses exames “PARA MIM PODER” te dar um diagnóstico definitivo. O mesmo afirma que já vem registrado na literatura romântica brasileira do século XIX desta forma, como (no romance *Inocência*, de Taunay, 1872).

O que antes causava certo temor acerca dessa construção pelos mais letrados, sendo considerados por eles, que somente os falantes menos escolarizados ou sem qualquer escolarização, habitantes da zona rural ou das periferias marginalizadas das grandes cidades poderiam usar esses falares.

Mas, é possível encontrar esta forma empregada, na maioria da população, até mesmo em pessoas das novas classes médias. Como o autor

relata, a condenação unânime dos defensores da norma-padrão tradicional serviu de barragem a essa sintaxe durante o longo período de nossa história em que a fala urbana de prestígio era restrita a uma parcela muito reduzida da população.

Mas o que vai ocorrer a partir de agora? Essa barragem já foi rompida na língua falada, pois é assim que se expressa oralmente a maioria da população brasileira, incluindo pessoas altamente escolarizadas como médicos, engenheiros, economistas, professores (inclusive o português) etc.

1976: coisas que eu gosto mas que... realmente não me engordam...o café da manhã geralmente eu tomo só café com leite... não como pão nem como biscoito nada disso que é pra evitar... justamentep**ra eu poder comer** outras coisas que eu gosto.

1992: Então geralmente é uma calça jeans, como essa que eu to usando aqui, é sapato, confortável, quer dizer, tipo, um mocassim, uma coisa que, realmente, que dê para, **pra mim andar**, que cê já notou que nesses corredores aqui a gente vai de um lado pro outro, no fim do dia a gente andou alguns quilômetros né .

Conforme Bagno em tudo o que já foi relatado é que o corpus do Projeto NURC, com material importante, trás uma “norma urbana culta” de certa forma bem ultrapassada, mesmo com a distância bem larga entre a norma-padrão tradicional. Em que determinados traços linguísticos naquela época as variedades eram censuradas como juntamente o PRA + MIM + INFINITIVO -, estiveram ausentes em gravações bem antigas, mas já comparecem em entrevistas com falantes urbanizados letrados realizados mais recentemente, como foi acima evidenciado.

3. O PERSONAGEM CHICO BENTO SOB A ÓTICA DO PRECONCEITO LINGUÍSTICO

3.1. ENFOQUE TEÓRICO DAS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS

As histórias em quadrinhos no Brasil começaram a aparecer durante o início do século XX, influenciadas pelas histórias de super-heróis norte-americanos. A única vertente dos quadrinhos da qual se pode dizer que se

desenvolveu um conjunto de características profundamente nacionais é a tira, caracterizada por uma série de vinhetas, normalmente de número inferiores a quatro e dispostas horizontalmente.

Apesar de não ser originária do Brasil, no país, a tira desenvolveu características diferenciadas. Sob a influência da rebeldia contra a ditadura durante os anos 60 e mais tarde de grandes nomes dos quadrinhos nos anos 80 (muitos dos quais ainda em atividade), ganhando uma personalidade muito mais irreverente comparada à norte-americana.

Foi nesse formato de tira que estrearam os personagens de Maurício de Sousa, criador da Turma da Mônica ainda no fim de 1959. Só mais tarde suas histórias passaram a ser publicadas em revistas, primeiro pela Editora Abril, depois (1987) pela Editora Globo e a partir de 2007 pela Editora Panini.

Na década de 90, a história em quadrinhos no Brasil ganhou impulso com a realização da 1.^a e 2.^a Bienal de Quadrinhos do Rio de Janeiro em 1991 e 1993, e a 3.^a em 1997, em Belo Horizonte. Muitas histórias em quadrinhos se tornaram filmes, como por exemplo: Xuxinha e Guto Contra os Monstros do Espaço e o ainda inédito Turma da Mônica - Uma Aventura no Tempo.

Hoje em dia, do ponto de vista das grandes tiragens há predominância das histórias em quadrinho da Turma da Mônica, que fazem sucesso em outros lugares do planeta.

3.2 PERSONAGEM ANALISADO: CHICO BENTO

Para este trabalho foram selecionados quadrinhos de uma personagem: Chico Bento, do desenhista Maurício de Sousa para a análise das variantes linguísticas contidas em seu discurso. Para isso, primeiramente, é necessário conhecermos as características que compõem a personagem, bem como, o seu surgimento.

A imagem do caipira costuma ser associada ao seu modo de falar, caracterizado, principalmente pelo erre retroflexo, pela queda do erre em fins de palavra (começá por começa; querê por querer), pela queda do ele em fins de palavra (ou sua pronúncia com erre retroflexo) e pela pronúncia como erre retroflexo do ele em fins de sílaba (animar ou animá por animal). (ILARI. 2006: 163)

Chico Bento, criado em 1961, teve como modelo um tio-avô de Maurício, sobre quem ele ouvia muitas histórias contadas pela sua avó. Em agosto de

1982, foi lançada a primeira revista, na qual a Turma da Roça, entre eles a Rosinha, namorada do Chico Bento, o Zé Lelé, Hiro, o Zé da Roça, a professora Dona Marocas, o padre Lino e vários outros personagens vivem divertidas histórias num ambiente gostoso e pacato do interior. Chico Bento tem como principal característica ser um falante do dialeto caipira.

3.3 ANÁLISE DO PRECONCEITO LINGUÍSTICO NAS HQ DE CHICO BENTO

Analizando o corpus, foi possível encontrar diversos fenômenos característicos do português não padrão. Iniciarei falando de um fenômeno conhecido por rotacismo, ou seja, a troca do /L/ por /R/.

Durante nossas vidas, já nos deparamos com algum falante do português não padrão dizendo palavras como: “pranta”, “iguar”, ao invés de planta e igual. Para muitas pessoas, geralmente falantes do português padrão, tais variantes soam como “erros” absurdos, engraçados, e as pessoas que os cometem são vistas como “ignorantes”, sofrem deboche, preconceito linguístico e social.

Chico Bento e sua turma são falantes do português não padrão, mais especificamente do dialeto caipira. Em seu discurso pode-se encontrar o fenômeno acima citado, rotacismo, como no fragmento do quadrinho abaixo:



FIGURA 1 fonte: < <http://www.monica.com.br/index.htm>>

A palavra devolve sendo dita como “devorve”. Para muitas pessoas, essa variedade é considerada “errada”, mas veremos que ela tem uma explicação lógica para existir e ser utilizada por um grande grupo de falantes que vivem no Brasil.

Acontece que com a evolução da Língua Portuguesa, muitas palavras em latim escritas com R, geralmente em encontros consonantais, passaram a ser escritas com L como na palavra *plaga* que em português virou *praia*, seguindo assim uma tendência natural de evolução da língua.

De acordo com Bagno (2004: 92), as consoantes /r/ e /l/ são, do ponto de vista articulatório, parente muito próximo, o que faz com que, na história de muitas línguas elas se substituam uma à outra indiferentemente, são chamadas as consoantes líquidas. Chico diz “devorve” ao invés de *devolve*, mas não comete um erro e sim utiliza uma lógica natural da língua inserida em seu grupo social.

Veamos agora outro quadrinho:



Copyright © 2001 Mauricio de Sousa Produções Ltda. Todos os direitos reservados.

FIGURA 2 fonte: <<http://www.monica.com.br/index.htm>>

No fragmento do quadrinho acima, a mãe de Chico diz: “ocê”, “qué”, “armoço”, “qui”, “cos ovo” ao invés de *você*, *quer*, *almoço*, *que*, *com os ovos*. Essas variantes são características do dialeto caipira e diferentemente de que o leitor pensa, elas não estão erradas.

Ao dizer “ocê” no lugar de *você*, a falante (mãe de Chico) não utiliza apenas uma variante característica da variação diatópica, como também faz uso de um fenômeno particular da variação diacrônica, a gramaticalização.

Para Ilari (2006: 153), a gramaticalização é o processo pelo qual uma palavra de sentido pleno assume funções gramaticais: um exemplo de gramaticalização em português é a formação do pronome *você*: essa palavra remonta a *Vossa Mercê*, era uma expressão de tratamento, hoje é um pronome pessoal.

Então, a falante ao utilizar “ocê” segue uma lógica de simplificação e evolução da língua, por isso a variação aqui também é diacrônica, ou seja, no decorrer do tempo: o que antes era *Vossa Mercê* passou a ser *Você* e para a

falante acima é “ocê”. Com a variante “qué” a falante não utiliza o erre final, o que caracteriza o dialeto caipira. Outro fenômeno que pode explicar essa variedade é a simplificação das conjugações verbais, caso o sujeito fosse outro, como: ele, nós, a falante também utilizaria a variedade “qué”, pois sua gramática implícita traz que se ela está indicando a pessoa, o verbo não precisa ser alterado.

Já na variante “armoço” ocorre o rotacismo que foi explicado anteriormente. Com a variante “qui” ocorre a metafonía, ou seja, a tendência da troca do som vocálico de /e/ > /i/, ela está presente em muitos falares regionais, como as duas formas de se falar a palavra leite: [ˈleyte] e [ˈleyti].

A variante “cos ovo” é muito interessante, pois nela ocorrem alguns fenômenos. Primeiro no final da palavra comcai (apócope), restando co que se junta com os, resultando em coos, ocorre a crase resultando em “cos”. Pode-se perceber que a marca do plural permanece, o que leva a falante a não utilização da marca de plural na palavra “ovo”, isso ocorre devido a tendência da eliminação das marcas redundantes de plural, já que a regra gramatical econômica e implícita do português não-padrão traz que é necessário marcar uma só palavra para indicar o plural.

A pessoa que escuta “cos ovo”, mesmo sendo um falante do português padrão, irá perceber que a falante está se referindo a quantidade plural de ovos. Outro exemplo em que há a eliminação das marcas redundantes de plural é no quadrinho abaixo:



FIGURA 3 fonte: < <http://www.monica.com.br/index.htm>>

Como na fala de Chico Bento: “os peixeperferem”, ou seja, apesar de o sujeito concordar com o verbo, o falante utilizou apenas uma marca central de plural em seu discurso, no artigo os. Com a frase “perferem um lugar

assussegado” pode-se analisar mais duas características do português não padrão. A primeira, a variante “perferem” é um fenômeno herdado da língua latina.

Antes os prefixos pré-, per- e pro- eram muito bem definidos, com a evolução da língua, muitas palavras em nossa língua que eram escritas das duas formas, como: perguntar e preguntar passaram a ter apenas uma forma correta. Porém, essa tradição gerou, nos dias de hoje, a flutuação de uso dos prefixos, per- e pre-, por isso encontramos as variantes: perferem, percurar, etc.

A outra característica da frase acima é a variante “assussegado” no lugar de sossegado. Trata-se aqui de um fenômeno chamado arcaísmo linguístico que consiste em utilizar palavras mais próximas ao latim, pois trazem o sufixo a-, como em alumiar, alembicar que já pertenceram à uma norma literária clássica.

Temos também no quadrinho acima a variedade “vô” ao invés de vou. Esse fenômeno da redução do ditongo OU em O ocorre tanto no português padrão quanto no não padrão. Isso ocorre por ser a língua falada viva e estar sempre mudando: o que em latim era o ditongo AU em português se tornou OU e passou a ser pronunciado apenas Ô. Outro exemplo desse fenômeno está na tiragem abaixo:



Copyright ©1999 Mauricio de Sousa Produções Ltda. Todos os direitos reservados.

FIGURA 4 fonte: < <http://www.monica.com.br/index.htm> >

Na tiragem acima há uma característica do dialeto caipira, a eliminação do erre do infinitivo, como na variante “tirá” ao invés de tirar. Prosseguindo com outra tiragem:



FIGURA 5 fonte: < <http://www.monica.com.br/index.htm>>

Na tiragem acima, destacam-se as variedades “oiando” e “ispeio” no lugar de olhando e espelho. Há aqui a transformação do LH em I também conhecida por yeísmo que ocorre devido a uma questão de comodidade articulatória.

Para Bagno (2005: 59), a consoante “lh” é produzida com a ponta da língua tocando o palato (céu da boca) muito perto do ponto onde é produzida a semivogal “i” de pai. Esta proximidade e comodidade maior em se pronunciar o “i” levaram a transformação. O yeísmo é uma tendência natural da nossa língua.

A linguagem de Chico Bento é conhecida como errônea e defeituosa, pois não segue a norma padrão-culta. O exemplo a seguir mostrará como ele corrigido no próprio quadrinho e não são consideradas as variações linguísticas.



FIGURA 6: Fonte: www.monica.com.br



FIGURA 7: Fonte: www.monica.com.br

Notam-se as primeiras variações linguísticas, como as palavras: *ocê*, *passá*, *mior*, *qui*. Estas palavras utilizadas por Chico Bento estão em discordância com a norma padrão. O rosto do interlocutor, no caso o primo, demonstra uma inaceitabilidade na maneira que Chico fala, ou seja, para o primo, o português está completamente equivocado fugindo da norma padrão culta da qual ele está acostumado. Além disso, o primo do Chico tenta impor a língua padrão, corrigindo-o na palavra “*ocê*” para “*você*”, havendo uma estigmatização do primo contra Chico pela sua maneira de falar.

Logo, nota-se o preconceito linguístico do primo em relação a fala de Chico Bento e a sua superioridade linguística. Aqui o preconceito linguístico não está somente na linguagem, mas no falante na região geográfica onde ele vive. Quanto menor *status* este falante tiver no meio social, maior será o seu desprestígio e a sua exclusão.

Diante do exposto, compreende-se que para o primo a fala de Chico está completamente errada de acordo com a norma padrão e ele desconhece as especificidades das variações linguísticas de uma região para ou outra, ou seja, para o primo somente a norma padrão ensinada pelos professores no ambiente escolar é a correta. Contudo, o primo não considera a comunidade de fala da qual Chico se encontra, ou seja, o primo não considera o meio linguístico que Chico está inserido, no entanto, todas as pessoas desta comunidade possuem a mesma variação linguística.

Bagno (2005), em seu livro *Preconceito Linguístico*, aponta o mito que diz como as pessoas sem escolarização falam equivocadamente porque não

utilizam a língua modelo, e, por conseguinte são detentores de um chamado *atrasomental* que os impede de seguir o padrão. Logo, a língua que utilizam é desconsiderada para a classe dominante como sendo Língua Portuguesa, além de ser rotulada como detentora de muitos defeitos. Vejamos mais um exemplo:



FIGURA 8: FONTE: NICOLA, J.de; INFANTE,U. Gramática Essencial. São Paulo: Scipione,1997:16.

Percebe-se neste quadrinho o léxico como: “ocê”, “trabaiá” e “nhô”. Assim, o pai de Chico também passará por um preconceito linguístico, já que sua linguagem e a fala não estão de acordo com a norma padrão. Segundo Bagno (2005), o problema do preconceito linguístico não está no que se fala, mas em quem fala o quê. O preconceito linguístico é decorrente, dessa forma, de um preconceito social. Forma-se, então, o preconceito de linguagem contra a fala de determinadas classes sociais consideradas “incultas”, e também contra a fala característica de determinadas regiões.

Para a sociolinguística, língua e fala são inseparáveis e vê a diversidade da linguística não como um problema, mas como qualidade constitutiva do fenômeno linguístico. E qualquer língua, falada por qualquer comunidade, exhibe sempre variações. Nenhuma língua apresenta-se como entidade homogênea, todas são representadas por um conjunto de variedades.

Os meios de comunicação em massa revelam que a linguagem de Chico Bento nos gibis utilizada em sua comunidade de fala é ponderada de depreciativo e desvalorizada. No entanto, não é difícil de verificar o motivo desta visão discriminatória, pois este processo vem sendo concedido na sociedade durante todo o percurso histórico da humanidade, Gnerre (2001: 74) relata que “desde a época dos gregos até hoje a fala das pessoas que não moram em grandes cidades é associada à ideia de rusticidade, ao passo que a fala das pessoas que moram em grandes cidades é associada à ideia de autoridade”.

Além disso, a mídia, em especial a televisão, desempenha um papel relevante na disseminação dos comportamentos linguísticos considerados equivocados. Assim, a sociedade faz com que o indivíduo (homem ou mulher) se situe “necessariamente em uma classe, seja uma classe de autoridade ou classe de produção” (BENVENISTE, 1976: 96).

Labov (1983) assegura que há alterações das variedades linguísticas no que tange os limites de uma determinada variedade geográfica, haja vista diversos fatores como a idade, a posição social, grau de escolaridade, profissão, que favorecem para que haja as variedades linguísticas empregadas pelo falante, seja de ordem lexical, morfológica ou fonológica. Em fim, todos esses fatores influenciam diante da linguagem. Vejamos exemplo de preconceito linguístico na escola:

Chico Bento em sala de aula em diálogo com a professora:



FIGURA 9: FONTE: www.turmadamônica.com.br

Ao observarmos o quadrinho acima, podemos refletir sobre os casos de constrangimento de alunos vindos de estratos sociais de menor prestígio ou mesmo da zona rural e nos perguntamos: qual o papel do professor diante da diversidade linguística do aluno? Sua atitude é de respeito ou de preconceito? Quais seriam estratégias metodológicas adequadas para que o professor

trabalhe a redução do preconceito? Quais são as implicações pedagógicas geradas pelas atitudes linguísticas do professor para a redução do preconceito linguístico? Uma coisa é certa: As atitudes linguísticas do professor carregadas de preconceito constroem o aluno e o impedem de desenvolver novas competências em sala de aula.

CONCLUSÃO

A partir do momento que conhecemos sobre um determinado assunto nossa visão sobre ele muda e é isso que esse trabalho vem promover. O preconceito linguístico de que foi falado nesse trabalho está inserido e consolidado em vários segmentos da sociedade e pior ainda, ele está presente e/ou se faz na escola e se perpetua pelo que se chama de círculo vicioso do preconceito linguístico, composto por: ensino tradicional, livro didático e a gramática normativa; ambos tentam transmitir o mito de unidade da Língua Portuguesa, assim tudo o que não está presente nesses três conceitos não é Língua Portuguesa.

A escola, ao manter o preconceito linguístico, desrespeita a linguagem falada do aluno e, automaticamente, o coloca em uma situação de inferioridade e impossibilidade em falar uma língua tão longe de seu contexto, a prestigiada e elitizada Norma Padrão.

Partindo de uma linguagem agradável e acessível (histórias em quadrinhos) aos alunos, esse trabalho traz o intuito de, com as explicações feitas, quebrar o círculo do preconceito linguístico, pois o conceito de ensino tradicional repetindo a gramática normativa contida nos livros didáticos passará a ser reflexivo e a valorizar a multiplicidade das variações linguísticas contidas na Língua Portuguesa do Brasil.

É preciso, portanto, que a escola e todas as demais instituições voltadas para a educação e a cultura abandonem esse mito da “unidade” do português no Brasil e passem a reconhecer a verdadeira diversidade linguística de nosso país.

Assim, o aluno que fala um português diferente não será mais visto como um “analfabeto” ou “deficiente linguístico”; será visto apenas como um falante de uma variedade linguística, já que os PCN abordam a importância em se respeitar e aceitar o que é diferente, a diversidade linguística.

As atitudes ríspidas demonstram distanciamento do aluno, impregnando no aluno certo temor do professor e, conseqüentemente, desligamento da aula. O aluno necessita perguntar, tirar dúvidas e o faz em sua variante linguística, no entanto, ao fazê-lo, ou seja, ao enfrentar a timidez diante dos colegas e levantar a voz, perguntar ao professor, ou comentar algo e for repreendido pelo

seu modo de falar, seja no sotaque, seja no acervo lexical diferenciado etc., esse aluno pode ficar constrangido e esse constrangimento se constituirá em um impedimento a fazer novas colocações e, por conseguinte, desenvolver-se como aprendiz.

Esperamos ter contribuído para uma reflexão sobre o papel do professor em sala de aula, que precisa ser equilibrado e desprovido de preconceito linguístico para melhor tratar com a variante popular. Pois é a partir dessa variante que o aluno de escola pública terá acesso a outra variante, a chamada norma culta.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAGNO, M. Preconceito Linguístico: o que é como se faz. 31 ed. São Paulo: Edições Loyola, 2004.
- _____. A língua de Eulália: novela sociolinguística. 14 ed. São Paulo: Contexto, 2005.
- _____. Português ou Brasileiro? Um convite à pesquisa. 5º ed. São Paulo: Parábola, 2006.
- BAKHTIN, M. (VOLOCHÍNOV, V.N.). **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. 9 ed. São Paulo: Hucitec, 1968
- BENVENISTE É. **Problemas da linguística geral**. São Paulo: Hucitec, 1976.
- CALVET, L. **Sociolinguística: uma introdução crítica**. São Paulo: Parábola, 1993.
- GNERRE, M. **Linguagem, escrita e poder**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- ILARI, R. e BASSO R. O Português da gente: a língua que estudamos, a língua que falamos. 1º ed. São Paulo: Contexto, 2006.
- LABOV, W. **Modelos sociolinguísticos**. Madrid: Ediciones Cátedra S.A., 1983.
- MUSSALIM, F., BENTES, A. C. **Introdução à sociolinguística**. São Paulo: Cortez, 2003.
- NICOLA, J. de INFANTE, U. **Gramática Essencial**. São Paulo: Scipione, 1997.
- POSSENTI, S. **Discurso, Estilo e Subjetividade**. 2ª. Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- _____. Por que (não) ensinar Gramática na Escola. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2001.

- SAUSSURE, F.. **Curso de Linguística Geral**. 20. Ed. Trad.de. Antônio Chelini. ET al. São Paulo: Cultrix, 1995.

História em quadrinhos no Brasil. Disponível em:

< http://pt.wikipedia.org/wiki/Arte_seq%C3%BCencial_no_Brasil> Acesso em: 2 de out. 2013.

Portal turma da Mônica. Disponível em: < <http://www.monica.com.br/index.htm>> Acesso em: 29 dez. 2013.